

## A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO JOVEM EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

Rosana Guimarães Lobo Sahium – UCG  
Elianda Figueiredo Arantes Tiballi – UCG  
Comunicação  
Formação e profissionalização docente

A juventude e sua relação com a escola tem sido alvo de calorosos debates e mútuas acusações. Tanto da escola que atribui ao jovem a irresponsabilidade e desinteresse quanto do aluno que vê a escola como um espaço distante e desvinculado dos seus interesses. Tanto este caráter hedonista e irresponsável atribuído ao jovem, quanto às deficiências atribuídas à escola, devem ser analisadas, como resultados de uma conjuntura mais ampla determinante de muitas condutas. Neste estudo, que é parte de uma pesquisa de mestrado, identifica-se o jovem que frequenta a escola pública a partir de suas interpretações e expressões nos contextos do seu cotidiano. O estudo prevê o uso de entrevistas e grupos focais com o objetivo de identificar, por meio da ótica do próprio jovem, sua identidade. Busco identificar nessa nova estrutura de sociedade, marcada por profundas e complexas mudanças, o que tem preponderado na constituição da identidade desse jovem para que se busque uma maior aproximação entre as perspectivas da escola e as expectativas do jovem aluno. Utilizou-se nesta pesquisa a revisão bibliográfica de diversos autores que abordam temas relativos à juventude, relação com o saber, identidade e contemporaneidade.

**Palavras chave:** identidade jovem, o jovem e a escola, relações na contemporaneidade

Apesar dos vários estudos e pesquisas realizados sob os mais diversos aspectos, muito ainda há de ser feito para mudar o quadro da realidade da educação que vemos hoje no Brasil. Mais de 18 milhões de jovens brasileiros entre 15 e 24 anos não estão em nenhuma instituição escolar. Calcula-se também que cerca de 60% dos jovens estudantes de 18 e 19 anos estão ainda no ensino médio segundo dados do IBGE. O que tem contribuído para esta realidade num país que prevê educação para todos?

Não há uma única resposta a esta pergunta. São vários fatores a serem investigados e interferências a serem feitas. Muito se falou sobre “fracasso escolar” numa tentativa de reunir num só termo a problemática educacional que na verdade é resultado de outros tantos fatores, impossibilitando assim explicar a totalidade dos fenômenos aí envolvidos.

A juventude e sua relação com a escola tem sido alvo de calorosos debates numa tendência que prevalece acusações mútuas da escola que atribui ao jovem a irresponsabilidade e desinteresse e por parte deste que vê a escola como um espaço distante e desvinculado dos seus interesses e com rotinas quase sempre enfadonhas. Tanto este caráter hedonista e irresponsável que se atribui ao jovem quanto as deficiências atribuídas à escola que, por sua vez, não leva em conta a condição juvenil, devem ser analisadas, como resultados de uma conjuntura mais ampla num contexto social determinante.

Não se pode desconsiderar a influência do contexto histórico social e as grandes transformações que vivenciamos e a forma como estas têm refletido e interferido nas instituições, na cultura, nas relações e nas identidades. E o jovem nesse contexto tem sua própria forma de assimilar, responder e se adaptar às novas circunstâncias e demandas internas e externas, criando seus próprios códigos, linguagens, formas de expressão, formas de socialização que vão assim tecendo “uma pretensa” identidade.

Podemos dizer que há um novo jovem com outra postura e outra forma de ser, e é com este jovem que a escola deve lidar para responder aos novos desafios impostos pelo novo tempo. Que indivíduo se quer formar e para qual sociedade, quais estratégias de adaptação devem ser consideradas pela escola que permitam ao mesmo tempo resguardar seu primado e ainda responder às atuais demandas mantendo-se inserida. O que se busca nesta pesquisa é identificar o jovem que frequenta escola pública na sua maioria oriunda de famílias em condições sociais precárias. Conquanto se trate de uma realidade específica, ela é também representativa uma vez que no mundo globalizado, de certa forma, as experiências e vivências são comuns aos jovens de diferentes classes sociais. Como é este jovem que chega hoje à escola pública, suas expectativas, seu percurso educacional, sua relação com o saber, como identificar as interferências e influências da vida escolar na formação de sua identidade? É preciso lembrar que somado às condições e desafios próprios da idade, a juventude vem se constituindo num contexto de incertezas e flexibilidades, além da luta pela sobrevivência, pelo emprego, pelo reconhecimento e por um futuro que se apresenta cada vez mais incerto.

As condições sociais interferem na forma como se constitui a condição juvenil, agravando mais ainda no cotidiano do jovem pobre. A falta de equipamentos sociais, opções de lazer e cultura nos bairros pobres podem ser uma justificativa para que a escola seja um espaço de socialização dos jovens com seus pares. Acontece que a escola também carrega suas contradições seus conflitos ao estar inserida numa sociedade de injustiças sociais, massificação da escola pública, contexto de pobreza e violência.

É comum se ouvir que a escola carrega uma visão preconceituosa em relação ao jovem, associando-o à delinquência a irresponsabilidade, não aceitando ou não reconhecendo o jovem em suas diversidades em suas manifestações e, portanto não se comunicando com ele. Se tais afirmações procedem é preciso investigá-las para compreendê-las.

A identidade desse jovem vai se definindo nessa trajetória sob as mais diversas influências, em que idéias e valores são constantemente confrontados. Que influências têm preponderado nessa formação? A escola conhecendo melhor esse “jovem” poderá lidar melhor com o “aluno”. Ampliar a visão desse indivíduo pode ajudar a escola, como uma das instâncias formadoras, a garantir eficácia e eficiência no desempenho de seu papel. Não seria possível aqui analisarmos todos os aspectos que compõem essa complexa relação que, sabemos interferem nesse processo.

Este trabalho se propõe então a desvelar a relação estabelecida entre o jovem e a escola, tendo como ponto de partida a identificação desse jovem, as influências exercidas e recebidas pelas instituições que o forma, com destaque especial para a escola. Partindo do pressuposto que a juventude é constituída socialmente, é preciso investigar o significado social atribuído à juventude hoje, priorizando a visão do próprio jovem e a visão da escola por meio de seus representantes, estatutos e normas.

A escola deve, portanto buscar uma referência, um ponto de partida que norteie esse trabalho. Mesmo que diante do modelo vigente ela se posicione ou se configure como

“contra cultura” ao buscar referências sólidas num contexto onde tudo é descartável e se dissolve, onde nada é permanente ou duradouro. O desafio então é responder às necessidades humanas que têm sido relegadas ou negligenciadas, agravando ainda mais o quadro social uma vez que o indivíduo não se reconhece e nem é reconhecido nas suas reais necessidades.

Cabe à escola, então, ser esse espaço de maior aproximação com o aluno possibilitando uma formação extremamente vinculada às suas reais necessidades e vivências. À escola importa saber quem é esse aluno, que influências ele recebe, como reage diante delas, como estas interferem em seu comportamento, como ele se sente diante disso, enfim; fazer da escola um espaço que acolha o indivíduo, reconheça-o ajudando-o a ampliar sua visão sobre si mesmo e sobre a sociedade a ponto desse jovem poder atuar e participar de forma consciente e coerente como fruto de reflexões e construções autônomas. Ao buscar desvendar a identidade desse jovem considerando os aspectos exteriores associados às transformações sociais é preciso considerar que muitos desses aspectos só poderão ser revelados a partir do cotidiano desses jovens e de suas próprias interpretações ou expressões, ou dizendo de outra forma; um olhar de fora para dentro, mas também de dentro para fora..

Antes de analisar sua relação com a escola é preciso identificar o que representa ou qual a relevância do saber, e do aprender para esse jovem ao que Bernard Charlot chama de “relação com o saber”. Assim Charlot (2000) propõe uma abordagem do ponto de vista da relação que o homem estabelece com o saber levando em conta a característica antropológica em que o homem se torna homem na sua relação com os outros. E é a sua incompletude, seu desejo de saber, de poder, de ser, que o induz a desejar aprender. Busca-se aí compreender como se opera a conexão entre um sujeito e seu saber. Tal abordagem considera o aprender como um movimento interior que não pode existir sem o exterior, pois toda relação com o saber é também relação consigo, relação com o outro e com o mundo.

Estudar a relação com o saber é estudar esse sujeito enquanto confrontado com a necessidade de aprender e a presença de “saber” no mundo. Assim sendo, não se pode deixar de considerar o sujeito ao estudar-se a educação. Mas nem por isso podemos esquecer que o sujeito da educação é um ser social. ( CHARLOT ,2000, p.34).

As instituições, que circundam a vida dos jovens, devem oferecer condições adequadas ou necessárias para desenvolver relações significativas com os saberes que são relevantes na formação. A escola, a família e outras instituições podem favorecer, ou se tornar entraves no processo de formação. Segundo o mesmo autor, “Toda relação com o saber comporta, pois, uma dimensão relacional, que é parte integrante da dimensão identitária”(2000.p.68). O aprender se refere ou está ligado diretamente á construção de si mesmo, sua história, suas referências, suas expectativas e suas relações. Enfim a criança e o adolescente aprendem para tornar-se “alguém”.

Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou quem é o mundo, quem são os outros. Esse sistema se elabora no próprio movimento através do qual eu me construo e sou construído pelos outros, esse movimento longo, complexo nunca completamente acabado, que é chamado educação. (CHARLOT, 2000, p.53).

Se levarmos em conta que o saber, o aprender fazem parte do homem como característica ontológica, e se estabelecem em suas relações, devemos pensar que a formação também depende de diversas condições, fatores e ambientes que podem ou não favorecer ou possibilitar relações propícias ao aprender. Ao considerar o indivíduo que aprende como ponto de partida, destacamos a importância da comunicação que se estabelece nessa relação uma vez que ela permite reconhecer, dar voz e identidade aos sujeitos.

Toda relação pressupõe comunicação, diálogo e linguagem, aspectos estes reconhecidos por todos, mas muito negligenciado no processo educativo. É preciso interpretar e buscar respostas para situações que, de certa forma, representam ou evidenciam a eficiência e também a deficiência em algumas relações educativas que esse jovem estabelece e que interferem em sua formação. Para esse propósito, é imprescindível que se parta da identificação desse jovem no seu contexto. É possível que o descompasso entre as expectativas dos jovens e as perspectivas das instituições que o formam seja fruto do desconhecimento de quem de fato é esse jovem. Charlot (2005) reforça esta idéia como se segue:

...em sua vida cotidiana fora da escola, os jovens têm práticas, representações, valores que a escola desconhece ou não reconhece, Conseqüentemente, a cultura que a escola lhes impõe não faz sentido para eles. (p 136)

A baixa qualidade de ensino e a inadequação da escola, de seus métodos e conteúdos, têm mantido a escola distante das expectativas e necessidades dos jovens. Consideramos a partir da visão de Charlot que o insucesso de muitos jovens na escola passa não apenas pela irresponsabilidade e o “desinteresse” do jovem, mas muito mais pela dificuldade de encontrar sentido no que se é ensinado. Ou então como se explicaria que um mesmo aluno tenha êxito em determinadas aprendizagens e não em outras? Claro que não daríamos conta da infinidade de aspectos aí envolvidos, mas podemos ressaltar que se trata sim de uma teia de “relações” e que o desejo propulsor do saber passa sempre pelo sentido, pelo valor atribuído a esse saber. E ao considerarmos os aspectos externos ao sujeito, sua relação com o outro e com o mundo, as pessoas, as instituições, enfim, o meio social que o circunda, estamos considerando seu papel e sua interferência nesse processo de formação

Ao argumentarmos sobre a importância de conhecer melhor o jovem de hoje, consideramos ser preciso antes entender como a identidade vem se constituindo e se estruturando ao longo da história. Os fatores históricos e sociais que interferem nessa constituição para que a partir da atual estrutura social, possamos reconhecer o sujeito que nela se constitui. Hall (2006) assegura que a identidade se define historicamente, com o sujeito assumindo assim diferentes identidades em diferentes momentos. Gilles Lipovetsky anuncia uma sociedade hiper ou pós-moderna na tentativa de expressar características sem precedentes na história, associando aí um sujeito também característico desse novo momento. As novas formas de expressões, novos valores novas estruturas e novos percursos observados têm levado alguns autores a afirmarem que vivemos uma crise de identidade abalando inclusive a idéia que temos de nós mesmos. Hall (2006) relembra que o sujeito iluminista era um indivíduo centrado, unificado dotado de razão, consciência e ação, o centro do eu era sua identidade. Já o sujeito sociológico, ganha a consciência de

que este núcleo interior do sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas resultado das múltiplas relações que este estabelece. O que o autor argumenta é que o sujeito agora está se tornando fragmentado ou composto de várias identidades até contraditórias ou não resolvidas. Zygmunt Bauman (2005), ao falar sobre identidade, afirma que a idéia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento ou a busca do “identificar-se com”. Acontece que;

No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades, ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam (p.33).

Lugares em que o sentimento de pertencimento era tradicionalmente investido ( trabalho, família, vizinhança) são indisponíveis ou indignos de confiança, de modo que é improvável que faça calar a sede por convívio ou aplaquem o medo da solidão e do abandono( p.37).

O que há de comum entre os autores contemporâneos aqui citados é que todos são unânimes quanto à idéia de uma sociedade em profundas transformações e rupturas caracterizada, dentre outras, pela efemeridade, volatilidade, transitoriedade e individualismo, rompendo com os antigos modelos de sociedade. Não há como desconsiderar todos estes aspectos que revestem de novos significados e que interferem na estrutura social e no sujeito que dela faz parte. Nessa nova configuração é preciso identificar como as instituições e os sujeitos se reconhecem e a seus papéis.

Quando argumentamos a necessidade da identificação do jovem como possibilidade de amenizar os conflitos e distancia entre este e a escola, reconhecemos que há uma busca de identidade de identidades que é próprio e característico desse momento que desnorteia e desestabiliza a sociedade. Portanto, é preciso considerar esta realidade conjuntural como um aspecto de extrema relevância interferindo de forma contundente na identificação dessa sociedade e do indivíduo. Ao identificar essa nova estrutura de sociedade e suas determinantes avaliaremos melhor os comportamentos, os valores e as relações estabelecidas pelos seus sujeitos, características dessa estrutura.

Segundo Pais (1993), a teoria sociológica se vê cada vez mais confrontada com a necessidade de estabelecer rupturas com as representações correntes da juventude na qual os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil unitária. É preciso, pois, explorar as similaridades, mas também as diferenças entre os jovens ou grupos de jovens. O mesmo autor adverte que as culturas juvenis, suas crenças, valores, símbolos e práticas compartilhadas pelos jovens tanto podem ser próprios ou inerentes à fase associada à juventude como podem também ser derivados ou assimilados pelas gerações precedentes (segundo a corrente geracional) ou pelas trajetórias de classe (segundo a corrente classista).

Pais (1993) afirma que a realidade pode ser diferente e para chegar a ela é necessário penetrar nos meandros do cotidiano dos jovens. Pois muitas vezes o que “sabemos” se trata muito mais de uma construção social do que da realidade em si. Para o autor o desafio está na desmistificação, na desconstrução sociológica que apresenta a juventude como entidade homogênea. É preciso lembrar que a juventude, como categoria socialmente construída, é inscrita em contextos de particulares circunstâncias sociais, políticas e econômicas, sujeitos a constantes transformações.

Há que se considerar a juventude sob os dois aspectos; o da unidade, ao se referir à fase de vida; e o da diversidade quando os atributos sociais fazem distinguir os jovens uns

dos outros. Porém, quando se toma a fase de vida como uma categoria é preciso considerar que se trata de um processo ou uma seqüência de “trajetórias biográficas”, entre a infância e a idade adulta em diferentes espaços sociais e em constante mudança.

...os modos de existência juvenil são caracterizados por uma série de rupturas e percursos bastante diferentes uns dos outros (...) não há uma forma de transição para a vida adulta; haverá várias, como várias serão as formas de ser jovem (segundo a origem social, o sexo, o habitat, etc.) (PAIS,1993,p.44).

## **Percurso da investigação**

A escolha desse universo de jovens de 15 a 17 anos da rede pública de ensino se dá também em função dos próprios dados estatísticos do IBGE já citados, e observações em projetos sócio-assistenciais que revelaram grande número de retenção e evasão escolar, realidade esta não exclusiva, mas preponderante de jovens em situação de vulnerabilidade social. No entanto observa-se que algumas propostas de ações desses projetos revelam-se exitosas quando consideram ou levam em conta a condição juvenil, isto é reconhecem o jovem, sua linguagem, suas expressões, enfim, sua condição. Jovens que não obtiveram êxito na escola, e não conseguem se enquadrar às normas da escola, se destaca positivamente em todas as atividades propostas nos projetos. Apesar de uma realidade específica ela certamente revelará aspectos comuns aos demais jovens de outras classes sociais.

A investigação será feita com 20 jovens que estejam freqüentando escola pública em duas regiões distintas da cidade, que participam ou não de projetos. Esta pesquisa será de tipo etnográfico. Tal metodologia se aplica uma vez que atende ao propósito de investigar os sujeitos situados em seu contexto histórico e social com ênfase no cotidiano e no subjetivo. Segundo (FONSECA, 1998), o método etnográfico propicia o estudo da subjetividade, porém os sentimentos e emoções são aqui tratados como fatos sociais.

O objetivo é pois, descobrir a relação sistêmica entre os diferentes elementos da vida social por meio da observação participante. Ao cruzar dados, relacionar discursos, confrontar falas de diferentes sujeitos sobre uma mesma realidade constrói-se a tessitura da vida social em que os valores, emoções e atitudes estão inscritos. Enfim a etnografia nos permite partir do concreto, da realidade, do observável, numa interação do pesquisador com seu objeto de pesquisa num movimento interpretativo do particular ao geral. A pesquisa etnográfica nos permite maior aproximação da realidade que pretendemos investigar no caso dos jovens seu cotidiano e suas relações mais imediatas seus contextos e percursos, suas impressões e expressões.

Além de entrevistas individuais com jovens utilizaremos grupos focais dando voz aos jovens num contexto de interação ampliando possibilidades e formas de expressões. O grupo focal, segundo Gatti (2005), propõe reunir um grupo de pessoas selecionadas para discutir e comentar o tema objeto da pesquisa a partir das experiências pessoais destes. E tem como objetivo captar por meio das trocas realizadas no grupo, os conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações que não seriam possíveis de outra forma. É também uma técnica que privilegia o compartilhar de pontos de vistas, que valoriza e estimulam idéias, argumentos e opiniões sob diversos pontos de vista e de forma livre. Não se busca consensos uma vez que não há certo nem errado, mas toda reflexão e contribuição são valorizadas.

Ouvir, dar voz aos jovens nesse ambiente de interações pode ser um caminho para identificá-lo, conhecê-lo de forma mais autêntica, pois, a sinergia do grupo faz emergir idéias e opiniões que vão além de opiniões individuais, de senso comum e de idéias pré-estabelecidas. Dar voz aos jovens e observá-los em seu contexto nos permitirá uma aproximação maior da realidade que queremos investigar, o que não seria possível por outros métodos.

Serão selecionadas duas regiões da cidade e ainda duas escolas públicas, uma em cada região, que atendam jovens de 15 a 17 anos, do ensino médio, sendo no mínimo, dez alunos em cada escola, que farão parte do grupo focal. Esta proposta, no entanto poderá sofrer alterações caso emergir no processo de investigação a necessidade de outro campo de investigação.

Como a pesquisa está em andamento, uma escola já foi visitada e já foram realizados três encontros do primeiro grupo focal além de entrevistas individuais. Os resultados preliminares apontam para alguns fatos que merecem destaque.

Os grupos focais foram realizados no contra turno escolar em um Instituto localizado a uma quadra da escola. Num universo de 35 jovens que se inscreveram como voluntários para participarem da pesquisa, apenas cinco compareceram. Merece destaque o fato de que estes acabaram por representar um universo diversificado pela sua heterogeneidade sob diversos aspectos. Conquanto morassem distante do local do encontro, participaram de todos os encontros e ao final quiseram voltar para as entrevistas individuais. Ao serem questionados a respeito desse interesse, argumentaram ter sido uma experiência interessante e não ter muito que fazer, apesar de estarem em período de provas na escola.

As questões norteadoras dos grupos focais foram divididas em quatro temáticas assim apresentadas: questões gerais a respeito do que representa ser jovem hoje, a família, a escola e os amigos entendendo estes como principais grupos sociais do seu cotidiano.

## **Evidências preliminares**

A juventude representa para estes jovens um período conturbado pela rapidez e quantidade de informações. A sociedade é muito liberal “hoje o jovem vê as coisas tudo mais cedo” confundem os sentimentos, segundo eles o jovem não sabe amar de verdade. Fazem parte dos seus temores: a morte, o “olhar para trás e ver que não realizou as coisas”, a responsabilidade, se tornar adulto, alistar-se, pois consideram perda de tempo, e muito serviço pesado além de não remunerado.

Quando pensam no futuro pensam em constituir família, ter casa e emprego. Quanto à religião, consideram importante na formação dos valores, mas não consideram importante frequentar igrejas o que segundo eles, com exceção de um, é mais um espaço social, um clube, mas também um bom ambiente de pessoas bem intencionadas. É importante destacar que apenas um participa assiduamente de atividades em igreja, este jovem se destaca também como aluno esforçado, coerente nos posicionamentos e bem articulado.

Os grandes problemas sociais apontados pelos jovens entrevistados são: a desigualdade social, a violência e o preconceito, que para eles significa julgar as pessoas antes de conhecê-las, excluir e, mal tratar. Com relação às drogas e a violência se mostram céticos em relação a soluções, dizem que são problemas irreversíveis, mas apontam

possíveis soluções como “investir mais nas crianças e em mais opções de lazer para os jovens. Atribuem tais problemas a influências dos amigos e falta do diálogo familiar.

Revelaram que família para eles representa segurança, confiança, pois é “quem de verdade se preocupa com você”. A mãe é a figura principal, de mais autoridade, mais presente e principal referência para eles. Família também aparece como lugar de muitos conflitos. Explicam a falta e a dificuldade de diálogo com os pais por estes só se dirigirem aos filhos para ordens, reprimendas e conselhos e que sentem falta de conversas informais com os pais. Em relação a assuntos mais polêmicos segundo eles, jamais são tratados com os pais “tenho medo de perguntar e eles acharem que estou fazendo algo errado.”.

Entre os problemas mais presentes estão a preferência dos pais por algum filho em detrimento de outro, os atritos entre as famílias do pai e da mãe, principalmente quando são separados e a falta do diálogo. Vale destacar que três dentre os cinco são filhos de pais separados e moram com a mãe. Com relação a castigos como forma de disciplina, acham que é possível um “castigo educativo”, pois as vezes só deixam de fazer algo quando ameaçados perder algo de que gostam. Mas acham que deve haver compreensão e tolerância de ambas as partes.

Com relação à escola, reconhecem-na como importante “apesar de fraco o ensino é importante”. Quando dizem gostar da escola se referem a encontrar os amigos, a convivência e a diversão “o melhor momento é o intervalo”. Reconhecem que apesar de saber da importância a maioria não leva a sério os estudos, pois na escola “não tem coisas que prendem o aluno, e muita coisa que você não vai usar na vida”. Os grandes problemas da escola apontados por eles se referem à: discriminação e desigualdades sociais que são manifestadas por atitudes de “estrelismos de professores e de alunos”; tratamentos e comportamentos diferenciados de acordo com a renda ou posição social, muito presente nas escolas públicas; festas e eventos “fúteis” que tomam muito tempo das aulas; a baixa qualidade do ensino; “os alunos não respeitam os professores” e as brigas que são frequentes. “os alunos querem boa aula e não estudam enquanto os professores não preparam uma boa aula por causa do desinteresse dos alunos”.

Para uma escola ideal as sugestões apontam uma escola em que os professores tenham mais responsabilidade, o ambiente escolar seja mais formal e organizado com rigidez e disciplina (citam exemplo do sucesso das escolas militares) O uniforme evita que “a escola se torne uma vitrine” (explicitando as diferenças). Esta escola ideal deve ter um padrão de excelência e metas a cumprir em termos de aproveitamento dos alunos, professores capacitados e aulas de reforço para os que têm dificuldades. Dizem estabelecer boas relações e mais aproximação com os funcionários mais simples e humildes. Consideram bom professor aquele que permite maior proximidade, o que tem autoridade e “prende a atenção na aula e impõe respeito recíproco”. O bom aluno?... “O professor fala que é quem tira nota boa”...mas é aquele que sabe respeitar os momentos da aula e os professores, que participa, que se esforça, que é educado e tem amizade com todos da sala.”

Ao se referirem aos grupos de amigos dizem que estar com os amigos é a melhor atividade de lazer, muitas vezes se reúnem “em frente de casa pra bater papo”. Raríssimas vezes vão ao cinema e para a maioria o lazer se restringe às festas ou shows noturnos. Esses jovens dizem usar muito a internet. Se sentem mais livres e à vontade para se relacionar e se comunicar via internet do que pessoalmente, mas reconhecem que ainda assim preferem passar o tempo com os amigos a ficar na internet. Os assuntos estão quase sempre relacionados a namoros, paqueras e acontecimentos da escola ou das festas.

Consideram os jovens e os adultos na sua maioria, egoístas, desonestos e pouco solidários. Dentre as piores características eles destacam a arrogância e a falsidade. Deixam transparecer uma contradição em relação à importância da aparência. Criticam a postura das meninas “muito dadas, ou piriguetes” acham este perfil cada vez mais comum nas escolas. Criticam posturas avançadas das meninas, dizem que quando os meninos querem namorar sério preferem as garotas mais reservadas, enquanto que em relação aos meninos admitem uma disputa e certo prestígio ao que conquista mais meninas. Demonstraram muita dificuldade de falar sobre si, acham menos difícil falar dos próprios defeitos do que das qualidades. Reconhecem que a timidez é um entrave para se aproximarem das pessoas que não conhecem.

Ao serem questionados sobre a experiência de participarem da pesquisa exprimiram assim: “achei legal discutir, colocar idéias”, “uma atividade legal pra estar pensando”, “achei interessante” “poucas vezes pedem opiniões pra gente” “é bom refletir”.

Conquanto seja muito precoce qualquer análise conclusiva, alguns dados obtidos durante as entrevistas e os grupos focais permitem formular algumas evidências preliminares:

A escola como um espaço de socialização e afirmação identitária, representa de certa forma uma “experimentação” para o mundo adulto, portanto um ambiente propício para manifestações e expressões reveladoras do jovem.

No imaginário desses jovens prepondera um ideal de escola que se traduz em um ambiente “formal” com regras claras e disciplina rígida. Se sentem incomodados com a irresponsabilidade dos alunos e também dos professores descompromissados. Eles deixam claro, porém não explicito, como se sentem incomodados com as diferenças que eles chamam de desigualdades sociais, na escola, que são refletidas na forma de se vestir, na segregação dos grupos e nos tratamentos diferenciados.

O ensino não privilegia a participação ativa do aluno, o professor ainda é o transmissor e ator principal no processo educativo. Quase nunca pedem opiniões dos jovens ou procuram saber o que pensam e como pensam. Estes por sua vez têm dificuldades de se expressar tanto de forma oral como escrita. Acham que o que resolveria a contradição que há entre: admitirem que estudar é importante e não conseguir levar os estudos a sério seria aulas mais interessantes e envolventes e que fizessem sentido.

## **Considerações Finais**

A próxima etapa da investigação constará de mais um ou dois grupos focais, entrevistas e observações. Serão investigados desta feita alunos de uma escola na periferia da cidade. A escolha de duas regiões distintas permitirá a ampliação do universo investigativo e ainda averiguar possíveis influências relacionadas aos diferentes contextos. O que se pretende ao final é saber a partir da visão e das expressões dos próprios jovens, “quem é o jovem hoje?” Este resultado será apresentado também em forma de um documentário fílmico produzido por alguns jovens que fizeram parte da pesquisa, possibilitando-lhes assim outra forma de expressão. A expectativa é que resulte numa identidade revelada por aqueles que se busca identificar.

## **REFERÊNCIAS**

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, RJ. Jorge Zahar Editor LTDA, 2005

CHARLOT, Bernard, **Da Relação com o Saber**, elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre, RS, Artmed Editora S.A, 2000.

CHARLOT, Bernard, **Os Jovens e o Saber**, perspectivas mundiais. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre, RS, Artmed Editora, 2001.

CHARLOT, Bernard, **Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização**, Questões para a educação hoje. São Paulo, Artmed Editora S.A,2005.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso não é um caso**. Pesquisa etnográfica e educação. Trabalho apresentado na xxi Reunião Anual da ANPED, Caxambú,1998.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro,RJ. DP&A Editora, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Sociedade Pós Moralista**, o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Barueri, SP.Editora Manole LTDA,2005.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa.Imprensa Nacional-Casa Da Moeda,2003.